

Orientações Pedagógicas

**Literatura de informação e textos
jesuíticos/relato de viagem
e crônica**

1º Ano | 1º Bimestre | 2º Ciclo

Apresentação

As *Orientações Pedagógicas* oferecem a você um guia acadêmico panorâmico em relação às variadas possibilidades de desenvolvimento dos tópicos previstos no eixo bimestral do Currículo Mínimo. Aqui se expõem e comentam detalhadamente três tipos de materiais que você pode utilizar para planejar suas aulas: livros teóricos para a complementação da sua formação, livros didáticos adotados na rede e *links* que disponibilizam materiais de qualidade. Tudo isso, vale frisar, está explicitamente relacionado aos tópicos a serem abordados no bimestre em questão e, com frequência, está recortado através da indicação de capítulos ou trechos específicos.

As *Orientações Pedagógicas* apresentam estrutura regular e facilmente reconhecível. São divididas em seções que estão organizadas em torno de perguntas que guiam nossas reflexões, como seguem:

O que ensinar?

- Esta seção retoma os descritores do Currículo Mínimo a serem desenvolvidos no bimestre em questão, de modo que esses sirvam como referência para a construção das demais seções e, já no Roteiro de Atividades, possam ser concretizados através de atividades específicas.

Por que ensinar?

- Comenta fundamentação teórica que justifica a presença dos assuntos propostos no Currículo Mínimo e a relevância dos mesmos. Também indica o lugar ocupado pelo gênero textual em questão na organização curricular, assim como sua circulação efetiva, sua relevância social e visibilidade.



- **Apresenta conceitos e atividades consideradas pré-requisitos para o desenvolvimento dos descritores estabelecidos no eixo bimestral e expõe a infraestrutura básica para desenvolver as atividades propostas.**

Como ensinar?

- **Descreve e comenta estratégias relacionadas ao desenvolvimento dos conteúdos previstos e ainda seleciona e comenta livros teóricos, livros didáticos e links que contenham material a ser usado por você na fase de planejamento das suas aulas.**

Como avaliar?

- **Sugere caminhos para a elaboração das atividades de avaliação, tendo em vista a busca de coerência em relação ao trabalho desenvolvido ao longo do eixo bimestral. Destaca tópicos e estratégias para orientar os alunos no sentido do aperfeiçoamento de suas habilidades e competências.**



O que ensinar?

Leitura

- Diferenciar texto literário de não literário.
- Reconhecer as principais características dos gêneros literários básicos (lírico, épico e dramático).
- Identificar, nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos, as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

- Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea.
- Identificar as diferenças estruturais e temáticas que distinguem crônica literária de crônica jornalística.

Uso da Língua

- Identificar fenômenos de variação linguística.
- Identificar os processos de interlocução: texto e discurso.
- Identificar normas ortográficas (acentuação, hífen) a partir do Novo Acordo.
- Identificar o sentido denotativo e conotativo da linguagem.
- Reconhecer as funções da linguagem: referencial, metalinguística, poética e emotiva.

Produção textual

- Produzir relatos de viagem.
- Produzir uma crônica a partir de notícia de jornal, editando-a, sob a orientação do professor, para publicação em jornal mural ou blog informativo produzido pela turma.

Por que ensinar?

Com a revisão do Currículo Mínimo, aprovada em 2012, há uma “distribuição mais equilibrada e equânime do conteúdo específico de Literatura ao longo de todos os bimestres do Ensino Médio, articulando em cada eixo gêneros literários e não literários”¹. Essa nova articulação favorece reflexões mais refinadas sobre o mundo atual, já que a Literatura, “é um campo riquíssimo para investigações históricas realizadas pelos estudantes, estimulados e orientados pelo professor, permitindo reencontrar o mundo sob a ótica do escritor de cada época e contexto cultural”².

¹ GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Currículo Mínimo: Língua Portuguesa e Literatura**. Rio de Janeiro: SEEDUC, 2012. p. 3.

² BRASIL. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 2000. p. 16.

Por isso, no primeiro ciclo do 1º bimestre, iniciou-se o estudo do Quinhentismo, com foco na literatura de informação e nos relatos de viagem e, no segundo ciclo, serão abordados os textos jesuítcos e a crônica.

Essa distribuição se baseia em dois pontos de vista. Do ponto de vista histórico, os textos jesuítcos se situam logo após os relatos de viagem que compõem a literatura de informação. Com essa sequência, também é possível atender à Lei 11.645/2008³, que torna obrigatório o estudo da cultura e história dos povos indígenas, nos dois ciclos. Isso porque, tanto na literatura dos viajantes quanto nos textos jesuítcos, a personagem indígena tem lugar central.

Do ponto de vista didático, a crônica se aproxima do gênero relato de viagem – por ter sua origem no “relato cronológico de fatos sucedidos em qualquer lugar”⁴, como o de Pero Vaz de Caminha e Hans Staden, estudados no ciclo passado –, embora tenha ganhado novos contornos a partir de sua inserção no meio jornalístico, a partir do século XVII no Brasil.

A partir do estudo do Quinhentismo no bimestre, propôs-se, para o primeiro ciclo, o desenvolvimento da habilidade de distinguir texto literário de não literário e, agora, para o segundo ciclo, um refinamento dessa habilidade: a identificação dos três gêneros literários básicos, propostos por Aristóteles – lírico, épico e dramático.

Esses gêneros são considerados essenciais para o estudo da Literatura, pois, através da identificação de suas características básicas, é possível reunir, agrupar e aproximar gêneros atuais, que são desdobramentos dos textos (gêneros) antigos, como se vê no quadro que segue:

Gênero Lírico	poesia, canção, ode, elegia, haicai, écloga, rondó, soneto, madrigal
Gênero Épico	romance, conto, fábula, novela, crônica
Gênero Dramático	elegia, epitalâmia, sátira, farsa, tragédia, comédia, drama, auto, telenovela

Embora, no quadro acima, o gênero textual crônica esteja relacionado ao gênero literário épico⁵, é interessante ressaltar sua versatilidade – resultante das transformações pelas quais passou, que tornaram a crônica um gênero democrático e socializador. Em seus diferentes formatos, a crônica transita pelos principais canais de comunicação, como jornais, revistas e blogs.

³ BRASIL. **Lei 11.645 de 10 de março de 2008**. Acesso em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm

⁴ COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. vol. 3. RJ: Livr. São José, 1964.

⁵ A proximidade entre o gênero textual crônica e o gênero literário épico é explicitada na seção *Como ensinar?* deste documento.

Devido a essa versatilidade, o trabalho com a crônica propicia a identificação dos fenômenos de variação linguística. Na tentativa de tornar os fatos cotidianos retratados verossímeis, os autores de crônicas literárias permeiam esses textos breves de marcas que caracterizam:

(1) a variação dialetal, para representar a idade, o sexo, o nível social e a região de origem das diferentes personagens e;

(2) a variação de registro, para representar a língua falada, situações formais e informais⁶.

A variação de registro, quanto ao grau de formalidade, também pode ser facilmente identificada a partir da comparação entre crônica jornalística e literária.

A identificação das variações linguísticas permite o desenvolvimento de outra habilidade prevista pelo Currículo Mínimo – identificar os processos de interlocução: texto e discurso. Ao reconhecer os diferentes papéis sociais assumidos nas interações, é possível reconhecer que o texto deve ser ajustado tendo em vista seu interlocutor. O desenvolvimento dessas habilidades permite um debate reflexivo com a turma acerca da noção de preconceito linguístico.

Por fim, vale destacar que a comparação entre crônicas literárias e jornalísticas propicia o reforço do trabalho com as habilidades de identificar o sentido denotativo e conotativo da linguagem e reconhecer as funções da linguagem: referencial, metalinguística, poética e emotiva.

Condições prévias para aprender

As habilidades e competências do Currículo Mínimo foram articuladas para que os eixos de Leitura, Uso da Língua e Produção Textual sejam interligados e facilitem a aprendizagem do discente. Para que o aluno tenha um bom aproveitamento desses descritores, seria interessante fazer uma breve análise de alguns conhecimentos prévios importantes para a condução das aulas.

Portanto, a seguir, estão destacadas algumas habilidades desse ciclo e conteúdos prévios que podem auxiliar o aluno no desenvolvimento de tais descritores.

Para que o aluno possa reconhecer as principais características dos gêneros literários básicos (lírico, épico/narrativo e dramático), é necessário que ele saiba:

1. Reconhecer um texto literário, habilidade já trabalhada no 1º ciclo.

⁶ Esta nomenclatura leva em conta a proposta presente no site <http://acd.ufrj.br/~pead/tema01/variacao.html>.

2. Identificar os tempos verbais, que auxiliam na classificação e identificação dos gêneros literários, pois, no gênero épico /narrativo, há predominância de verbos no presente; no gênero dramático, destacam-se os verbos no futuro; e, no gênero lírico, há recorrência dos tempos verbais no passado.
3. Identificar as pessoas gramaticais, que estão relacionadas aos gêneros literários básicos, conforme segue:
 - no gênero épico/narrativo, há, em geral, um narrador que se apresenta em 3º pessoa;
 - no gênero dramático, há a interlocução do emissor (ator) com o receptor (espectador), envolvendo as 1ª e 2ª pessoas do discurso;
 - no gênero lírico, há predominância da 1ª pessoa, pois se observa a voz do eu lírico, no discurso poético.

Também no eixo de Leitura, para identificar as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural, é interessante que o aluno possa:

1. Reconhecer o contexto sócio-histórico em que se inserem os autos jesuíticos (início do séc. XVI), principalmente, no que diz respeito aos objetivos das grandes navegações e da contrarreforma. Essa competência, segundo o Currículo Mínimo de História, deveria ser desenvolvida no 3º bimestre do 7º ano.

Em relação ao gênero do bimestre, a crônica, o aluno necessita de algumas habilidades que o auxiliam a identificar as diferenças estruturais e temáticas que distinguem crônica literária de crônica jornalística:

1. Novamente, reconhecer um texto literário e não literário, porque, através da subjetividade, da ficção, o aluno percebe um tom mais ligado à literatura e, no texto jornalístico, uma linguagem mais objetiva, na qual há preocupação do autor com o relato fiel dos fatos.
2. Identificar o sentido denotativo e conotativo da linguagem, pois, através da figuração da linguagem, também se percebe, mais facilmente, quando a crônica tem características predominantemente jornalísticas ou literárias. De acordo com o Currículo Mínimo, essa habilidade é desenvolvida no 2º bimestre do 6º ano.

Em relação às habilidades de Uso da Língua, para o aluno identificar fenômenos de variação linguística, é importante:

1. Reconhecer que há uma norma padrão da língua, pois, sem esse modelo formal, torna-se difícil reconhecer outras variedades linguísticas do mesmo idioma.

Outra habilidade a ser trabalhada é identificar as normas ortográficas (acentuação, hífen) a partir do Novo Acordo Ortográfico. Nesse caso, é interessante que ele tenha noções de Fonética e Fonologia para a acentuação gráfica e também de alguns conceitos de Morfologia, que são necessários às regras do hífen. O quadro a seguir ajuda a elucidar essas noções prévias:

Para o uso do...	Quais são as habilidades necessárias?	Por quê?
Acento gráfico	1. Diferenciar vogais de consoantes / grafemas de fonemas;	Essa habilidade é pré-requisito para o reconhecimento da sílaba.
	2. Separar sílabas.	Separar as sílabas é o primeiro passo para se reconhecer a sílaba tônica da palavra.
	3. Identificar ditongos, hiatos, dígrafos e encontros consonantais;	As mudanças relacionadas à acentuação gráfica envolvem esses fenômenos linguísticos.
	4. Reconhecer a acentuação das palavras (sílabas tônicas) e saber classificá-las (oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas).	As regras gerais de acentuação foram elaboradas a partir da classificação quanto à tonicidade das palavras.
Hífen	1. Distinguir radical de afixos.	Há regras distintas para vocábulos que recebem hífens, tendo em vista os processos de derivação ou composição.
	2. Reconhecer vocábulos compostos.	

Finalmente, vale lembrar que se espera encontrar nos alunos boa parte ou, pelos menos, algumas dessas condições prévias listadas. Entretanto, se ele não tiver desenvolvido essas habilidades, a habilidade ou competência ainda pode ser explorada. No Roteiro de Atividades, são propostos exercícios que ativam esses conhecimentos preliminares.

Como ensinar?

A fim de tornar a seção *Como ensinar?* mais dinâmica e objetiva, as sugestões para o trabalho com os alunos, bem como as indicações de referências bibliográficas, serão apresentadas a partir dos descritores do Currículo Mínimo. Assim, cada habilidade terá propostas especificamente voltadas para o seu desenvolvimento em sala de aula. Com isso, a consulta às Orientações Pedagógicas se torna mais simples e direta.

Eixo: Leitura

Reconhecer as principais características dos gêneros literários básicos (lírico, épico e dramático)

O professor pode mostrar aos seus alunos que cada gênero representa uma estrutura textual com a predominância de traços particulares, como funções da linguagem e determinados recursos linguísticos. Isso não quer dizer, contudo, que os gêneros enclausuram o texto num conjunto de características. Como diz Angélica Soares:

“

Se a própria noção do que é e do que não é literário varia com o transcurso dos tempos (...), a noção de gênero literário é também histórico-cultural, obedecendo sempre (...) a um horizonte de expectativas. As noções de lirismo, narratividade ou dramaticidade (que se projetam nos traços dos gêneros), no entanto permanecem, pois nos vêm sendo transmitidas culturalmente. Por isso, ainda reconhecemos nos gêneros literários, vistos como processos de estruturação, categorias didáticas importantes nos nossos estudos literários.⁷

”

Assim, importa destacar aos alunos que os gêneros, longe de representarem categorizações estanques, explicam e esclarecem muitas das opções estéticas presentes na estrutura da obra. De acordo com seus traços predominantes, o texto pode situar-se em um dos três gêneros elementares: lírico, épico (também chamado narrativo) ou o dramático.

Para iniciar o trabalho, o professor pode questionar os alunos sobre alguns títulos famosos de livros ou filmes e, em seguida, propor uma lista de palavras para classificar essas obras. Termos como aventura, ação, romance, comédia podem ser usados misturados aos termos lírico e épico. Por seu conhecimento de mundo, os alunos já costumam associar a ideia de romance a lírico e epopeia, à aventura. Embora superficiais, essas relações encontram fundamento nos estudos literários e, por isso, podem ser úteis para começar o tratamento dos gêneros.

No que tange ao gênero lírico, o professor pode, a partir de um ou mais poemas de Camões, em sua vertente lírica, ou de Vinícius de Moraes, em seus sonetos, entre outros, apontar a marcante expressão individual dos sentimentos e predomínio da função emotiva da lingua-

⁷ Soares, Angélica. **Gêneros Literários**. São Paulo: Ática, 2007, p. 77.

gem. Isso também pode ser feito a partir de letras de música carregadas de subjetividade, como sugerido no Roteiro de Atividades, com a letra *Índios*, de Renato Russo.

Depois da observação desses traços mais básicos, será possível abordar as transformações do gênero ao longo da história. Na Antiguidade, antes de serem escritas, as composições líricas eram acompanhadas pelo instrumento musical da lira, justificando seu nome. Essa musicalidade original se manteve na forma escrita por meio da repetição de versos, estrofes e fonemas. Já, modernamente, o gênero lírico tem adquirido um tom mais social, afastando-se um pouco da temática intimista. O poema *O cão sem plumas*, de João Cabral de Melo Neto, por exemplo, reflete sobre a sociedade sem deixar de ser lírico, provando que esse gênero literário está além do tema amoroso.

Para facilitar a exposição aos alunos sobre o gênero lírico, é possível sintetizar algumas informações num quadro-resumo semelhante a este:

Gênero lírico						
Ênfase	Função da linguagem predominante	Pronomes e verbos em	Características principais	Perspectiva temporal	Efeito gerado no leitor	Exemplos
Expressão de sentimentos	Emotiva	1ª. Pessoa	Intimismo; Subjetividade; Musicalidade	Presente do eu poético	Emoção Simpatia Exaltação	Soneto; Canção; Lira; Balada; Elegia.

Com relação ao gênero épico, é fundamental mencionar as epopeias clássicas de Homero (entre os séculos VIII e IX a.C.), *Ilíada* e *Odisseia*, obras que também guardam a origem do gênero narrativo. Os textos épicos, em prosa ou em verso, apresentavam um caráter coletivo, com a narração das conquistas e grandes feitos de um povo. Na sua estrutura, podiam ser observados todos os elementos narrativos (o narrador, o narratário, personagens, tema, enredo, espaço e tempo), além da frequente menção a heróis ou figuras mitológicas.

Para facilitar a compreensão desse gênero, o professor pode propor a exibição do filme *Troia* (Wolfgang Petersen – 2004)⁸. Através dessa obra, os alunos têm contato com partes célebres dos poemas homéricos numa linguagem acessível, dinâmica e atual. Por

⁸ Para síntese dos poemas *Ilíada* e *Odisseia* e relação com o filme, ver: BRAZIL, Carlos. **A história da guerra de Troia**. Disponível em: <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2004/05/14/509206/historia-da-guerra-troia.html>. Acesso em: 12/02/2012. Para detalhes, *trailer* e outras informações sobre o filme, ver: http://www.epipoca.com.br/filmes_detalhes.php?id=6002. Acesso em: 12/02/2012.

fim, essa proposta ajuda a mostrar a transformação do gênero épico para o narrativo. Afinal, o filme também é uma narrativa moderna.

A epopeia repercutiu nos romances de cavalaria, da Idade Média, no romance pastoril, do Renascimento, e nos romances barrocos e picarescos. Na Época Moderna, o nascimento da narrativa deve-se a *D. Quixote*, do espanhol Miguel de Cervantes.

Para concluir a abordagem do gênero épico/narrativo, o seguinte quadro pode ser apresentado:

Gênero épico/narrativo						
Ênfase	Função da linguagem predominante	Narrador	Características principais	Perspectiva temporal	Efeito gerado no leitor	Exemplos
Relato de episódios heroicos	Referencial	1ª. ou 3ª. Pessoa	Elementos históricos; Personagens; Herói; Enredo; Marcas de tempo e espaço.	Passado presentificado	Admiração; Surpresa; Orgulho.	Epopeia; Conto; Novela; Romance.

Quanto ao gênero dramático, o exame de um trecho de roteiro de um filme, novela, ou mesmo de uma peça teatral revelará a ênfase na ação. Por isso, neste gênero, o narrador é eliminado através do emprego do diálogo, provocando a sensação de que a representação se passa pela primeira vez. O objetivo principal não é evidenciar cada parcela da história, como ocorre na epopeia, nem mesmo a forma emocional do gênero lírico, mas o final do texto. Neste gênero, tudo se encaminha para o fim do drama, para o desfecho, o que gera expectativa. Além disso, as partes do drama estão ligadas numa sequência lógico-temporal. Elas mantêm, portanto, uma relação de dependência, o que cria a tensão dramática.

É possível utilizar textos dramáticos mais atuais com os alunos. Assim, trechos de novela, roteiros de filme ou peças contemporâneas serviriam de ponto de partida para a apresentação dos textos jesuíticos, foco do bimestre. Neste material, destacam-se os autos desenvolvidos com o fim da catequese, como o *Auto de São Lourenço*, de José de Anchieta, um dos textos geradores do Roteiro de Atividades.

A respeito do gênero dramático, sinteticamente, tem-se:

Gênero dramático						
Ênfase	Função da linguagem predominante	Sem narrador	Características principais	Perspectiva Temporal	Efeito gerado no leitor	Exemplos
Representação de ações	Conativa	Discurso direto	Encenação; Personagens; Enredo; Marcas de tempo e espaço.	Ações presentes	Piedade; Revolta; Terror	Auto; Tragédia; Comédia.

Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuítcos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

É fundamental recapitular para os alunos o contexto da colonização. As produções do Quinhentismo brasileiro, na verdade, atendiam aos interesses materiais e espirituais de conquista de territórios, exploração de riquezas e domínio de povos.

Os primeiros textos teatrais brasileiros foram escritos pelos jesuítas com a finalidade de catequizar os índios. Importa mostrar aos alunos que, dada a sua dinâmica, a forma teatral revelava-se mais eficaz que os tradicionais sermões para a difusão dos preceitos religiosos e, por conseguinte, para a consolidação do processo colonizador português. As peças permitiam, como observa Sábato Magaldi, “levar a fé e os mandamentos religiosos à audiência, num veículo ameno e agradável”⁹. Um nome que se destacou na “incipiente literatura”¹⁰ de nosso período colonial foi José de Anchieta. Seu teatro esteve filiado à tradição religiosa medieval, na qual se inspirou para a criação de personagens alegóricos a representar o embate entre a santidade católica e os rituais indígenas, tomados como malignos. Com efeito, a modalidade dramática adotada por Anchieta, o auto, relacionava-se com os mistérios e moralidades, formas dramáticas praticadas na Idade Média, ambas centradas na temática religiosa. Na síntese de Magaldi: “Nenhuma outra forma se ajustava mais que o auto aos intuítos catequéticos”¹¹.

Para despertar os alunos para o efeito persuasivo do gênero dramático (função conativa), o professor pode comparar uma conversa sobre o capítulo de novela do dia anterior e a possibilidade de efetivamente assistir ao programa. Quando nos sentimos mais envolvidos? Quando entendemos melhor e mais profundamente a história?

⁹ MAGALDI, Sábato. **O teatro como catequese**. In: _____. Panorama do teatro brasileiro. São Paulo: Global editora, 2001, p.16.

¹⁰ BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 19.

¹¹ MAGALDI, Sábato. **O teatro como catequese**. In: _____. Panorama do teatro brasileiro. São Paulo: Global editora, 2001, p.17.

Além do próprio recurso ao gênero dramático, especificamente na forma do auto, o padre José de Anchieta se aproximou da língua e cultura nativas para melhor transmitir os ensinamentos da cultura e religião portuguesas. Há que se destacar a gramática da língua Tupi desenvolvida por Anchieta e os cuidados na reprodução dos costumes indígenas dentro das peças, nesse caso, porém, com a atribuição de juízo por parte do colonizador.

Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea.

Para o atendimento desse descritor, pode-se partir da *Carta de Caminha* e do *Auto de São Lourenço* e desenvolver uma comparação com a música “Índios”, da Legião Urbana. Se possível, a turma assistiria a um videoclipe da apresentação da banda no laboratório de informática, ou ainda, na própria sala de aula com auxílio de um projetor. Poemas modernistas, como *Erro de português*, de Oswald de Andrade, também podem ser utilizados para esse cotejo. Além dos textos, algumas imagens poderiam enriquecer significativamente essa comparação. Obras como a tela *A primeira missa no Brasil*, de Victor Meirelles, e imagens contemporâneas de índios como fotos jornalísticas recentes ou cartuns, permitiriam a realização de um debate com anotação das principais diferenças na abordagem da questão indígena em variadas produções. Na plataforma digital do curso, são disponibilizados alguns exemplos de imagens sugeridas para esse trabalho.

O fundamental é auxiliar o aluno na percepção da visão do colonizador sobre o indígena. Inicialmente, vistos como bárbaros e selvagens, os índios representavam a extensão da flora e fauna ainda incomuns para os portugueses e, assim, eram parte de sua conquista. Além disso, os nativos serviriam como o acesso seguro às riquezas naturais como fonte de conhecimento e como mão de obra explorada. Os autos de Anchieta, por sua vez, inseriram os valores cristãos na cultura indígena por meio da apropriação da língua Tupi, o que facilitou grandemente o processo de conversão.

Identificar as diferenças estruturais e temáticas que distinguem crônica literária de crônica jornalística.



Esta habilidade pode ser desenvolvida como um desdobramento da habilidade “Diferenciar texto literário de não literário”, focalizada no 1º ciclo deste bimestre. Para tanto, pode-se utilizar a sequência didática, descrita a seguir, composta por 4 passos, para demonstrar aos alunos algumas marcas formais e temáticas que estruturam e distinguem as crônicas literárias das jornalísticas.

Passo 1: Diferenciar texto literário e não literário

Selecione uma crônica literária e uma notícia (de preferência, que tratem do mesmo tema), a fim de que o aluno recupere os critérios que opõem os textos literários aos não literários. Inicialmente, você pode comparar os dois textos partindo destes questionamentos:

- a) Qual é o suporte de circulação de cada texto?
- b) Qual é a intenção comunicativa de cada texto: humor, ironia, crítica social, exaltação de sentimento?
- c) Como os textos se relacionam ao seu contexto de produção, principalmente aos seus interlocutores?
- d) A que fato do cotidiano os textos fazem referência?
- e) Em qual texto o ponto de vista do autor se releva mais explicitamente?
- f) Em qual texto predomina o uso da linguagem figurada? Quais sentidos poderíamos construir a partir dessas expressões?
- g) Qual tipologia textual é mais recorrente em cada obra (narração, descrição, exposição, argumentação ou injunção)?

Em seguida, você pode sistematizar esta análise construindo, junto a seus alunos, um quadro comparativo em que se pontuem os cinco critérios estudados no 1º ciclo¹². Desse modo, explicitará as principais marcas da crônica literária (texto poético, ficção) e da notícia (texto referencial, não ficcional).

 Texto literário: CRÔNICA LITERÁRIA	 Texto não literário: NOTÍCIA
<ol style="list-style-type: none"> 1. Plurissignificação 2. Predomínio da função poética 3. Predomínio da conotação 4. Relevância do plano de expressão 5. Intangibilidade da organização linguística 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Clareza, concisão 2. Predomínio da função referencial 3. Predomínio da denotação 4. Relevância do plano do conteúdo 5. Tangibilidade da organização linguística

Passo 2: Observar a versatilidade da crônica

Demonstre aos seus alunos – se possível, por meio de uma coletânea de textos ou de fragmentos – como as crônicas podem apresentar diferentes formas e temas. Tal diversidade

¹² FIORIN, José Luiz & SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto:** leitura e redação. São Paulo: Ática, 2007. p.p. 349-357.

justifica as distintas sistematizações teóricas apresentadas nos quadros a seguir, os quais podem ser úteis a você na análise de outras crônicas utilizadas em sala de aula.

▪ **Critério jornalístico – Luiz Beltrão**¹³

I. Quanto à natureza do tema:	II. Quanto ao tratamento dado ao tema:
Crônica geral: contém espaço fixo no jornal, no qual o autor aborda assuntos variados.	Analítica: os fatos são expostos e dissecados de modo breve e objetivo; é dialética.
Crônica local: também conhecida como “urbana”, trata dos temas cotidianos da cidade.	Sentimental: o autor apela à sensibilidade do leitor; os fatos comovem e influenciam a sensibilidade.
Crônica especializada: o autor, que é um “expert” no assunto, trata de assuntos referentes a um campo específico de atividade (economia, sociologia etc).	Satírico-humorística: critica, ironiza, ridiculariza fatos ou pessoas com a finalidade de advertir ou entreter o leitor; possui feição caricatural.

▪ **Critério da tipologia literária – Afrânio Coutinho**¹⁴

Classificação pela natureza do assunto ou pelo movimento interno:
Crônica narrativa , cujo eixo é uma história, o que a aproxima do conto, como no exemplo de Fernando Sabino;
Crônica metafísica , constituída de reflexões mais ou menos filosóficas sobre os acontecimentos ou os homens, como é o caso de Machado de Assis ou Carlos Drummond de Andrade, que encontram sempre ocasião e pretexto nos fatos para dissertar filosoficamente;
Crônica-poema em prosa , de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele significativos, como é o caso de Rubem Braga, Manuel Bandeira, Ledo Ivo;
Crônica-comentário dos acontecimentos , que tem, no dizer de Eugênio Gomes, ‘o aspecto de um bazar asiático’, acumulando muita coisa diferente ou dispar, como são muitas de José de Alencar, Machado e outros.

▪ **Correspondência com o gênero literário – Massaud Moisés**¹⁵

“a crônica deriva para o conto ou a poesia”	
Crônica-poema	Crônica-conto
O cronista explora a temática do “eu”, enfatizando suas emoções – o que, não raro, aproxima o texto de uma página de confissão, de diário íntimo ou de memórias. Nestas, os cronistas podem, inclusive, fazer versos ao longo do texto ou mesmo encerrá-lo com uma estrofe. Exemplo de cronista deste tipo é Carlos Drummond de Andrade.	Nestas, um fato chama a atenção do cronista, que o narra como se fosse um conto. O cronista assume, pois, o papel de narrador, de historiador.

¹³ BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

¹⁴ COUTINHO, Afrânio. **Antologia brasileira de literatura**. Rio de Janeiro, Letras e Artes, vol.3, 1967. p. 97-98.

¹⁵ MOISÉS, Massaud. **A criação Literária – Prosa II**. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 108-109.

▪ **Orientação pela estrutura narrativa – Antonio Candido¹⁶**

Crônica-diálogo: o cronista e seu interlocutor imaginário se revezam, intercambiando informações e pontos de vistas; exemplos: Gravador (Carlos Drummond de Andrade) e Conversinha mineira (Fernando Sabino).

Crônica biografia lírica: narra poeticamente a vida de alguém.

Crônica narrativa: tem certa estrutura de ficção, marchando rumo ao conto.

Crônica exposição poética: divagação livre sobre um fato ou personagem; cadeia de associações.

Passo 3: Reconhecer traços comuns entre os textos do gênero “crônica”

Após identificar diferenças estruturais e temáticas nas crônicas analisadas, destaque, junto aos seus alunos, características comuns a esses textos – principalmente, sua função social e suas principais marcas formais.

A. Origem e função social

É importante esclarecer aos alunos que a crônica surge como fruto do jornal, no qual aparece entre notícias efêmeras. A crônica “trata-se de um gênero literário que se caracteriza por estar perto do dia a dia, seja nos temas, ligados à vida cotidiana, seja na linguagem despojada e coloquial do jornalismo”¹⁷. Assim, “se a notícia deve ser sempre objetiva e impessoal, a crônica é subjetiva e pessoal. Se a linguagem jornalística deve ser precisa e enxuta, a crônica é impressionista e lírica”¹⁸. Por isso, o sentido etimológico do termo “crônica” está relacionado à palavra grega *chronos*, tempo. Através de sua transposição para o latim (de *Chronos* para *Saturnus*, ou seja, “saturado de anos”), o termo passou a significar o registro dos fatos contemporâneos.

Desse modo, a crônica assume o papel de registro da realidade social das comunidades humanas. A crônica é, portanto, sempre um resgate do tempo. No início da era cristã, por exemplo, “o vocábulo ‘crônica’ designava uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica”¹⁹.

¹⁶ CANDIDO, Antonio. *Recortes*. Editora Ouro sobre Azul, 2004, capítulo 3.

¹⁷ Ver mais em: ANDRADE, Carlos Drummond. **De notícias e não-notícias faz-se a crônica**. RJ: Record, 1999, p. 13.

¹⁸ Id., *ib.*, p. 13.

¹⁹ Ver mais em: MOISÉS, Massaud. **A criação Literária – Prosa**. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 101.

Ao longo desse caminho percorrido – e construído – pela crônica, a intenção de meramente informar (caráter jornalístico) foi substituída pela intenção de divertir (função entretenimento), na busca de “penetrar poesia adentro”²⁰.

A crônica passou a ser conhecida como um texto curto, em prosa, que, a partir de um fato cotidiano, desenvolve reflexões do cronista com humor, poesia, ironia e crítica proporcionando ao leitor experiência estética ou de vida. Logo, crônica é, ao mesmo tempo, jornalismo, quando busca no cotidiano os fatos da vida real que são noticiosos, e literatura, quando se permite utilizar elementos literários (ex: criação de personagens, linguagem solta e coloquial, lirismo etc.) para construí-la. Sua natureza híbrida impera nesta compreensão.

B. Registro linguístico e estrutura básica

Nesta etapa, você poder atentar para as marcas formais das crônicas, apresentando aos seus alunos quadros-síntese como os que se seguem:

Registro linguístico: características gerais
▪ uso de registro formal, mas simultaneamente com um tom coloquial, quase discurso direto;
▪ utilização de recursos estilísticos, tornando a crônica mais emotiva (conotação, metáforas, imagens, personificações...);
▪ utilização de recursos informativos (de forma referencial, objetiva, crítica), oriundos do gênero notícia;
▪ recurso a uma pontuação expressiva, como marca da subjetividade e da presença expressiva do autor;
▪ discurso centrado no emissor (primeira pessoa) e no receptor (terceira pessoa);
▪ uso de primeira ou terceira pessoa e implicações no processo enunciativo.

Estrutura básica da crônica²¹
Título – indiciador da posição do autor;
Introdução – identificação do fato ou circunstância que motivou a crônica;
Desenvolvimento – reflexão do autor sobre o fato, circunstância ou pessoa que motivou a crônica;

²⁰ CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: Recortes. São Paulo, Cia das Letras, 1993.

²¹ Devido à diversidade de tipos de crônica, optamos por apresentar somente a estrutura básica, já que a proposta do ciclo envolve a produção textual de uma crônica a partir de uma notícia de jornal. Pode-se, no entanto, obter outras referências/informações, por exemplo, da estrutura da crônica narrativa no Caderno de Crônica, parte do material da Olimpíada de Língua Portuguesa.

Conclusão – arremate da crônica, com uma ideia global, que sistematiza e traz à evidência o resultado da reflexão do autor.

O principal objetivo dessa sistematização formal é mostrar aos alunos que, embora não haja um modelo único para escrever crônicas, alguns traços linguísticos e estruturais se revelam recorrentes em textos desse gênero. Desse modo, em sua produção textual, por exemplo, o aluno poderá resgatar alguns elementos constitutivos da organização interna da crônica.

Passo 4: Comparar a crônica literária (já analisada) a uma crônica jornalística, evidenciando suas diferenças.

Após retomar as diferenças entre os textos literários e os textos não literários, observar os diferentes tipos de crônica e explicitar a estrutura básica para esse gênero híbrido, você pode iniciar a comparação entre a crônica literária (já analisada no início desta sequência didática) e a crônica jornalística. Evitando uma classificação rígida, você pode explicitar que a crônica jornalística se aproximaria mais de um texto não literário e a crônica literária, do texto literário.

Nessa comparação, é fundamental o aluno perceber que, por um lado, a tônica da crônica jornalística são os fatos da realidade, e sua intencionalidade se relaciona mais à crítica social, política. Por retomar diretamente um fato noticiado, sua linguagem tenderá mais para objetividade, e sua estrutura se baseará na exposição de ideias. A crônica literária, por outro lado, vai apresentar uma intencionalidade mais relacionada à poesia, ao lirismo, à função expressiva da linguagem – ainda que possa partir de um fato noticiado e não daquele observado diretamente pelo cronista no seu cotidiano.

Desse modo, a principal distinção entre a crônica jornalística e a literária é a forma de o autor agir sobre os fatos: ora avalia-os com maior objetividade, ora toma-os como mote para reflexões subjetivas. Ambos os tipos, no entanto, pertencem ao gênero literário, já que crônica é considerado um gênero literário moderno. A sua função, independentemente da classificação, é proporcionar ao leitor, acima de tudo, experiência e reflexão, emoção e intenção estética, para que possa voltar mais maduro à vida.

Eixo: uso da língua

Identificar fenômenos de variação linguística

Ao desenvolver esta habilidade, é importante discutir os conceitos de “língua” e “variação linguística”. Para tal, sugerimos esta sequência didática, organizada em 5 passos:

Passo 1: Introduzir o tema a partir da apresentação de um vídeo

Dentre os muitos textos que abordam o tema da variação, destacam-se o filme *Línguas – Vidas em português*²², o curta-metragem *Língua*, do Museu da Língua Portuguesa²³, e o vídeo *Variação Linguística*, da MultiRio²⁴.

Passo 2: Propor um debate sobre o conceito de “língua”:

A exibição de trechos dos filmes indicados pode servir como base para um debate amplo sobre o tema. Para aprofundar o tema e evitar digressões, você pode interpretar, junto aos seus alunos, citações teóricas que defendem a unidade e a diversidade como características intrínsecas a qualquer língua. Destacam-se, assim, estes dois excertos:

Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações. [...] Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção.²⁵ [grifo nosso].

Na área vastíssima e descontínua em que é falado, o português apresenta-se, como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades que divergem de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário.

²² Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=-_wyg1bKLFk&feature=related

²³ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=z6sNEQ5-iaY&feature=related>

²⁴ Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=_Y1-ibJcXW0

²⁵ CUNHA, Celso. **Uma Política do Idioma**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p.43.

Embora seja inegável a existência de tal diferenciação, não é ela suficiente para impedir a superior unidade de nosso idioma [...].²⁶

Tal discussão pode, ainda, auxiliar na desconstrução de preconceitos linguísticos como a ideia de que apenas uma forma de expressão é correta/legítima ou que a língua deve ser usada da mesma forma por todos e em todos os contextos situacionais.

Passo 3: Construir o conceito de “variação linguística”:

Tendo compreendido que todo sistema linguístico apresenta diferenças, o aluno poderá destacar, pelos exemplos dos vídeos apresentados, *variantes*, isto é, formas diferentes que, em princípio, expressam um mesmo conteúdo. Observando, pois, as diferentes formas de concretização do sistema linguístico, ele compreenderá o fenômeno da variação linguística.

Passo 4: Explicitar que a variação ocorre em todos os níveis do sistema linguístico

Para isso, você pode explicitar os diferentes níveis de organização e de estudo da língua a partir de um quadro como o que se segue. Em seguida, você pode pedir aos alunos que destaquem – se possível, do(s) vídeo(s) apresentado(s) – fenômenos varáveis de cada nível do sistema linguístico, como aqueles indicados nas tabelas a seguir:

²⁶ CUNHA & CINTRA. Domínio atual da língua portuguesa: unidade e diversidade. In.: _____. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Capítulo 2. p. 9.

FONOLÓGICO
O que estuda: os fonemas (sons que, em determinada língua, podem opor significado)
Ex. de variação: 1. Pronúncia do [s] no final de sílaba. < as balas >: [s] (fricativa alveolar surda, comum na pronúncia da região Sul) [š] (fricativa alveopalatal surda, comum na pronúncia do estado do Rio de Janeiro) [Ø] (apagamento, comum nos discursos de falantes menos escolarizados e em situações mais informais de interlocução)
2. Pronúncia da vogal [o] em sílaba pós-tônica: < menino > [o] [u] (alteamento da vogal)

MORFOLÓGICO
O que estuda: os morfemas (menores partes do vocábulo que expressam um significado)
Ex. de variação: 1. Uso de sufixos que indicam ação/processo: Impunidade (variante padrão) X Impunição (variante estigmatizada)

SINTÁTICO
O que estuda: os sintagmas (palavra ou conjunto de palavras que, em uma sentença, exerce determinada função sintática)
Ex. de variação: 1. Concordância verbal: "nós estávamos" (variante padrão) X "nós tava" (variante não padrão)

Passo 5: Explicar os fatores de variação linguística:

Para desenvolver este último passo da sequência didática, você pode fazer o seguinte questionamento à turma: "O que pode influenciar a maneira como as pessoas falam e escrevem?"

Em seguida, você pode explicitar que as variantes podem ser agrupadas em *dialetos* (de região, idade, sexo, classe social) ou em *registros* (situações formais ou informais, textos falados ou escritos). Essa é, portanto, uma maneira de sistematizar a variação da língua e explicitar os condicionamentos para cada variante.

A partir disso, você pode relacionar as variantes destacadas pelos alunos aos principais fatores sociais que as determinam – sistematizando-os em um quadro, como o que se segue:

FATORES DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA ²⁷		
A região do falante	O nível social do falante	Faixa etária
Cada região tem seu conjunto mais ou menos homogêneo de características fonéticas, um sotaque próprio que dá traços distintivos ao falante nativo.	Essas distinções tocam diretamente algumas formas da língua reproduzidas pela escola e sustentadas na escrita, pois se acredita que, quanto mais alta a classe social do falante, maior seu contato com a norma padrão.	Essas diferenças correspondem ao uso da língua por pessoas de diferentes faixas etárias, fazendo com que, por exemplo, uma criança apresente uma linguagem diferente da de um jovem, ou de um adulto. Ao longo da vida, as pessoas vão alternando diferentes modos de falar conforme passam de uma faixa etária a outra.

Outra estratégia interessante é selecionar os textos conforme os fatores da variação linguística, como se observa nas sugestões apresentadas a seguir:

- Fragmentos de textos literários do falar mineiro (Guimarães Rosa), do falar gaúcho (Érico Veríssimo) e do falar nordestino (José Lins do Rego) para que os alunos observem como os autores manifestam suas respectivas características regionais.
- Tirinhas que façam uso de gírias; textos que contenham situações em que a faixa etária diferente determina o não entendimento da comunicação.
- Cartazes que contenham diferentes modos de realizar a concordância e a regência verbal e nominal.

Identificar normas ortográficas (acentuação e hífen) a partir do Novo Acordo

COMUNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA TEM OITO PAÍSES



Apenas quatro dos oito países da CPLP aprovaram a reforma ortográfica; burocracia e problemas políticos atrasaram acordo

- 1 **Brasil** Primeiro país a adotar as mudanças, desde 2009
- 2 **Angola** Ainda não ratificou o acordo
- 3 **Moçambique** Ainda não ratificou o acordo
- 4 **São Tomé e Príncipe** Ratificou o acordo em 2006
- 5 **Guiné - Bissau** Ainda não ratificou o acordo
- 6 **Cabo Verde** Ratificou o acordo em 2005
- 7 **Portugal** Ratificou o acordo em 16 maio
- 8 **Timor Leste** Ainda não ratificou o acordo



Para identificar normas ortográficas a partir do Novo Acordo, é importante situar o aluno sobre o objetivo de tais mudanças. Isto é, de que o Novo Acordo Ortográfico tem, como objetivo, promover união e proximidade dos países que têm o Português como língua oficial,

²⁷ Adaptado de: FARACO, Carlos Alberto. & TEZZA, Cristóvão. **Prática de texto para estudantes universitários**. Petrópolis, Vozes, 1992 p. 12.

tornando simples e uniforme as grafias da língua portuguesa. Assim, para efeito de conhecimento e ilustração, pode-se mostrar, através de um mapa mundi, a localização dos oito países que falam a língua portuguesa no mundo, além de suas bandeiras.

Também é importante lembrar ao aluno de que o decreto assinado em 2008 determinou prazo de quatro anos para as novas regras ortográficas serem aplicadas e exigidas nas escolas, concursos e vestibulares. Em dezembro deste ano, encerra-se, portanto, o prazo para o acordo entrar em vigor. É preciso conscientizar o aluno de que chegou, então, o momento de saber identificar as novas regras.

Para aprendizagem de tal conteúdo, pode-se seguir a seguinte sequência didática:

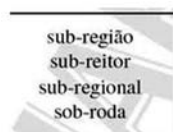
Passo 1: Criar um corretor ortográfico sobre as novas normas de acentuação:

Inicialmente, como forma de introduzir o tema do Novo Acordo, você pode apresentar aos alunos a tirinha²⁸ do Orlandelli: *Grump e o acordo ortográfico*. A partir desse texto lúdico, você pode destacar as reflexões que o próprio personagem Grump faz sobre o Novo Acordo²⁹ e o modo como ele se coloca diante do desafio das novas regras. Na tira, Grump diz para seu interlocutor: "...Já estão valendo as novas regras do tal acordo ortográfico. Acentuação, hífen... mudou um monte de coisa.". Em seguida, Grump afirma diante do computador: "Precisamos de um novo corretor ortográfico para essa máquina..".

A partir disso, você pode propor a construção de um corretor ortográfico: podem ser criados cartazes, apresentando as principais mudanças na acentuação.

Por último, os alunos explicariam oralmente essas mudanças.

Passo 2: Pesquisar textos com hífen antes da mudança do Novo Acordo e atualizá-los conforme a nova regra



Em relação ao uso do hífen, como são muitas as mudanças, uma estratégia a se utilizar é imprimir uma **tabela**³⁰ referente só ao estudo do hífen com as novas modificações e solicitar que os alunos pesquisem textos que conte-

²⁸ Disponível em: http://blogdoorlandeli.zip.net/arch2009-01-04_2009-01-10.html

²⁹ Ver mais em: *Guia da Reforma Ortográfica*. Disponível em: <http://fmu.br/guia/home.asp>

³⁰ Disponível em: http://media.folha.uol.com.br/educacao/2009/01/02/reforma_ortografia.pdf

nam, no mínimo, três palavras com hífen. Dessa maneira, eles irão observar a necessidade de essas palavras serem reescritas de acordo com as novas regras, explicando o porquê da mudança.

Passo 3: Fixar o conhecimento através de exercícios e do Game da Reforma Ortográfica



Além de diferentes exercícios escritos de fixação, os alunos podem testar os seus conhecimentos, identificando, de forma lúdica, todas as regras do Novo Acordo através do **Game da Reforma Ortográfica**³¹. Todavia, é importante lembrar que o principal objetivo dessas atividades não é decorar as regras, mas sim compreendê-las.

A fim de que você não se limite a essas sugestões e possa ampliar o planejamento de suas aulas e suas avaliações, listamos e comentamos, a seguir, algumas das mais significativas e acessíveis publicações que podem enriquecer o trabalho com as habilidades focalizadas neste ciclo.

Livros teóricos

Reconhecer as principais características dos gêneros literários básicos (lírico, épico e dramático).

CUNHA, Helena Parente. Os gêneros literários. In: PORTELLA, Eduardo et.al. **Teoria literária**. 5 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999, p. 93-130.

Este artigo apresenta um aprofundamento sobre a conceituação dos gêneros literários e sua importância no estudo da Literatura.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.

A autora faz uma contextualização dos gêneros literários de forma didática e objetiva. Na obra, há exemplos de textos em que a presença dos gêneros coexistem, ilustrando a transitoriedade dos gêneros.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. (trad. Celeste Aída Galeão)

³¹ Disponível em: <http://fmu.br/game/home.asp>

Esta obra aborda os gêneros literários, da concepção aristotélica à conceituação moderna dos gêneros.

Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea.

COUTINHO, Afrânio. **O processo de descolonização literária.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. pp. 57-60.

No capítulo I, *Temas de literatura, Anchieta, o santo da Literatura Brasileira*, pode-se perceber o direcionamento teórico do autor no que tange à importância de conhecer os autos catequéticos do padre em questão, para compreender um recorte histórico e literário, importante na (des)construção do colonialismo português.

Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira.** 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

No capítulo I, intitulado *A condição colonial*, o autor trata das questões historiográficas e artísticas da literatura brasileira em sua fundação. No tópico intitulado *Anchieta* (p. 19), Alfredo Bosi destaca o período da literatura de catequese para contextualizar a Literatura Brasileira no período histórico colonial.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963. pp. 105–110.

O capítulo V, intitulado *Letras e ideias no período colonial*, aborda, de maneira didática, como a Literatura Brasileira foi sedimentada tendo em vista as circunstâncias histórico-sociais do período colonial brasileiro. Na página 109, Antônio Candido dedica algumas linhas ao legado literário do Padre José de Anchieta, no tópico *Literatura Religiosa*.

Identificar fenômenos de variação linguística.

CUNHA, Celso. **Uma política do idioma.** 3 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, p.43.

Neste livro, em especial, no tópico variação linguística, o autor discute uma série de questões sobre língua, variação (níveis, fatores, fenômenos) e também sobre preconceito linguístico.

FARACO, Carlos Alberto. & TEZZA, Cristóvão. **Prática de texto para estudantes universitários.** Petrópolis, Vozes, 1992 p. 11.

No capítulo I deste livro, os autores se dedicam a explicar o que é a língua, diversidade linguística, variedade e valor. Através de várias atividades, aprofunda os conceitos trabalhados.

Identificar as diferenças estruturais e temáticas que distinguem crônica literária de crônica jornalística.

ANDRADE, Carlos Drummond. **De notícias e não-notícias faz-se a crônica**. RJ: Record, 1999, p. 13.

Drummond, neste livro, explora a transição da notícia para a crônica, focalizando como nasce uma crônica.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

Neste livro, o autor dedica um capítulo à crônica. Apresenta, inclusive, uma classificação do gênero pelo olhar do jornalismo.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: _____. **Recortes**. Editora Ouro sobre Azul, 2004, capítulo 3.

Neste artigo, o autor explica, no capítulo 3, o que é crônica, como ela nasceu, suas características básicas e suas controvérsias quanto a ser um gênero menor.

COUTINHO, Afrânio. **Antologia brasileira de literatura**. Rio de Janeiro, Letras e Artes, vol.3, 1967. p. 97-98.

Neste capítulo, dedicado ao tópico *crônica*, o autor explica o conceito do gênero crônica, suas origens, características e classificações, segundo o critério temático.

MOISÉS, Massaud. **A criação Literária – Prosa**. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 101-247.

Neste livro, em um capítulo dedicado exclusivamente à crônica, o autor explora a origem, o conceito e as características do gênero. Em sua classificação crônica-poema e crônica-conto, o autor consegue dirimir as dúvidas que ora surgem quando a crônica parece conto.

Livros didáticos

Reconhecer as principais características dos gêneros literários básicos (lírico, épico, dramático)

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português linguagens**: volume 1. 7. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2010.

No Capítulo 2 da unidade 1, *O texto teatral escrito*, a inserção do assunto gênero teatral se dá através do tópico “Trabalhando o gênero”, p. 110. Os autores apresentam um fragmento de texto teatral e exercícios que vão desde a interpretação do fragmento ao conhecimento da estrutura e da linguagem do gênero. Depois sugere aos alunos produzir um texto teatral e encenar.

Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

ABAURRE, Maria Luiza M., ABAURRE Maria Bernadete e PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido.** São Paulo: Moderna, 2010.

Na unidade 3, *A literatura no período colonial*, o capítulo 9, apresenta as “Primeiras visões do Brasil”: a revelação do mundo novo; o projeto colonial português, a literatura de viagens e a literatura de catequese (138-152). O capítulo é riquíssimo em imagens e mapas e se propõe a inserir o aluno em uma leitura cultural do contexto da época através da linguagem não verbal.

BARRETO, Ricardo Gonçalves. **Português: ensino médio** (Coleção Ser Protagonista), São Paulo: Edições SM, 2010.

No Capítulo 9, *As origens da literatura brasileira*, o autor apresenta de maneira detalhada todo o contexto de produção, histórico, cultural e literário do período quinhentista. Apresenta também uma análise minuciosa de um poema do Pe. José de Anchieta (p.118).

Produzir e editar uma crônica a partir de notícia de jornal para publicação em jornal mural ou blog informativo.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO Jr, José Hamilton. **Língua Portuguesa: linguagem e interação.** Vol 1. São Paulo: Ática, 2010.

Na unidade 1 – capítulo 3, o autor apresenta uma sugestão de produção textual de crônica. Mais especificamente, na página 96, ele propõe um quadro de avaliação dessa produção, com aspectos a serem observados depois de redigir a crônica.

Como Avaliar?

O segundo ciclo do bimestre estuda a **literatura jesuítica** e a diferença estrutural e temática da **crônica literária** e **jornalística**. Várias atividades relacionadas a esses conteúdos podem ser avaliadas através de algumas habilidades divididas nos eixos: leitura, uso da língua e produção textual.

Eixo: leitura

Como talvez seja a primeira vez que o aluno esteja em contato com o *gênero teatral* (um auto), a primeira atividade de avaliação seria trabalhar a habilidade de reconhecer as principais

características do **gênero dramático, um dos gêneros literários básicos**. Assim, em uma avaliação escrita, o gênero dramático (teatral) pode ser reconhecido em contraponto com outros textos não teatrais, entremeando teatro em prosa e também em verso.

Para avaliações que envolvam a linguagem teatral, uma ação concreta que pode ser proposta aos alunos é a identificação, a partir de um fragmento de peça teatral, das características envolvidas no texto dramático: finalidade, perfil dos interlocutores, tema, estrutura, linguagem, discurso direto, rubricas.

Também é possível solicitar que criem uma cena a partir da leitura de um conto, transpondo toda a característica da estrutura interna e externa do texto teatral: cena, personagens, discurso direto, rubricas etc. Esta atividade de encenar é interessante como avaliação da expressão oral e corporal do aluno.

Outra importante habilidade de Leitura do ciclo, relacionada aos textos jesuítcos, é identificar das marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural. Nesse sentido, o aluno deve saber identificar, dentre outros textos do Quinhentismo, que o texto do Padre José de Anchieta é uma peça teatral curta de cunho religioso, pedagógico ou moral, em que as personagens representam conceitos abstratos, como a bondade, a virtude, a hipocrisia, o pecado, a gula, a luxúria.

No *Auto de São Lourenço*, por exemplo, há personagens-conceitos: *Temor de Deus* e *Amor de Deus*. Logo, propor atividades que solicitem a identificação dos elementos que se referem às cenas bíblicas e de passagens da vida dos santos demonstra também o reconhecimento e entendimento das marcas autorais do teatro de catequese do Pe José de Anchieta, inserido no contexto literário e sociocultural do Quinhentismo.

Por último, seria interessante solicitar, ainda como avaliação escrita, um resumo-avaliativo sobre os textos jesuítcos, a fim de que o aluno possa refletir sobre a história e o sentido do uso do gênero dramático na sociedade colonial. Seria importante, por exemplo, pedir que reconheçam, nesses textos, as duas funções do teatro: a **função específica**, aquela que faz com que, através das fortes emoções experimentadas, o público reflita sobre as paixões e vícios humanos; e a **função geral**, a que diverte, satiriza a classe política, reflete sobre os problemas sociais, conscientiza politicamente os oprimidos.

Além disso, é importante compreender o propósito desta habilidade de Leitura: analisar e avaliar a presença do indígena na literatura jesuítca, isto é, perceber como a figura do índio, dentro dos textos catequéticos, destina-se somente ao papel do vilão em certas cerimônias litúrgicas.

No *Auto de São Lourenço*, por exemplo, o autor faz com que o nativo perca sua identidade, seus costumes e sua tradição em defesa da conversão dos índios ao catolicismo. Para que os alunos entendam como o índio é visto na literatura e cultura colonial, devem localizar passagens no *Auto* em que o índio assume a cultura e a visão do colonizador.

Eixo: uso da língua

Em relação ao Uso da Língua, o aluno deve saber identificar, em uma série de minitextos propostos, os fenômenos de variação linguística. Uma atividade de avaliação escrita, para identificar tais fenômenos, seria:

Selecionar uma mesma notícia veiculada em jornais diferentes (O Globo, Extra, Expresso).

Solicitar que comparem as notícias.

Identificar as variações linguísticas relacionadas ao emissor e ao receptor dos textos veiculados nos diferentes jornais.

Eixo: produção textual

O último eixo do Currículo Mínimo é o trabalho de Produção Textual com a atividade de criação de uma crônica a partir de notícia de jornal. Antes de o aluno produzir a sua crônica, é necessário propor atividades de leitura que envolvam a apreensão das características desse gênero: classificação, estrutura e registro linguístico. É importante também estimulá-lo a ver a criação de um texto como um reflexo das mesmas habilidades das quais ele se utiliza para fazer a leitura.

Sendo assim, o aluno deve estar ciente de que há um contexto de produção, um interlocutor, um agente de produção, recursos linguísticos e gênero textual ou literário envolvidos no processo leitura-escrita. E, tal qual na leitura de um texto literário, ele deve ser incentivado a produzir um texto com características estéticas, isto é, com intenção artística. A crônica, por ser um gênero literário, explora justamente essa intenção artística como, por exemplo: o aspecto da subjetividade, da criatividade, isto é, das funções emotiva e poética da linguagem.

Assim, após tal apreensão, como parâmetro de avaliação, pode-se:

a) Examinar se a produção do aluno apresenta claramente o acontecimento ocorrido em sua cidade, oriundo da notícia lida.

b) Observar se ele apresentou sensibilidade no contato com a realidade; se há passagens ou expressões que contenham a força da poesia, do lirismo (função expressiva e poética da linguagem) ou do humor. São essas passagens que caracterizarão o texto do aluno como crônica, isto é, como forma de comunicação que deve ser reveladora, sensível, insinuante e despretensiosa e não somente os fatos descritos cronologicamente.

Em se tratando de crônica, vale o registro de Antonio Candido em *A vida ao rés-do-chão*, “Tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho ou da piada que nos transporta ao mundo da imaginação. Para voltarmos mais maduros à vida...”³².

Nesse sentido, é interessante verificar se o aluno teve, ao final da escritura de seu texto, acima de tudo, a consciência de que a proposta da crônica é passar com a sua escrita experiência e reflexão do fato ocorrido ou simplesmente divertimento. E essa experiência e divertimento devem ser compartilhados através do jornal mural de sua escola ou de um *blog* informativo.

³² CANDIDO, Antônio. *A vida ao rés-do-chão*, 1980. In: Recortes. Editora Ouro sobre Azul, 2004, capítulo 3.